



AO N.º 1041 DO



SUBSCREVE-SE

Na Typographia do PATRIOTA, rua de Poço dos Negros n.º 54. Marques, na rua Augusta n.º 2 e 3.

POB

Um mez. 240 rs.
 Tres mezes. 720 ..
 Avulso. 30 ..

Este Supplemento publica-se todas as segundas e quintas feiras.

ESPRESSÕES.

Quando não tivermos chuva, continuará o invicto a obedecer ao Costa Cabral, mudando o tempo mudará S. Ex.º



O PROTOCOLLO.

Dom Frei Protocollo de jurisdicção ephemera, nasceu na rica e folgazona cidade de Madrid em 1847, anno do nascimento de diferentes gaiatos de ambos os sexos, destinados uns para toureadores de bois, outros para farpearem a humanidade por diferentes maneiras.

Foi testemunha do infesado fêto o sr. Pacheco, então ministro presidente empastado, e hoje desempastado, e serviu-lhe de ama de leite S. A. R. Antonio Bernardo.

Apenas desmamado partiu para a côrte das Tuilherias, onde foi baptisado em presença do bom rei Philippe, sendo seu padrinho mr. Guizot.

Tres dias depois atravessou o canal e desembarcou na capital da nossa muito estafada e velha alliada Dona Grã-Bretanha dos Prazeres; alli nas bochechas da grande côrte Briton the foram ministrados os santos oleos por lord José Antonio Palmerston.

Gerado, nascido, baptisado e oleado, foi arremegado ás praias da muito nobre e feliz Lusitania, fundada por Nabucodonozor, mestre de hydraulica na an-

tiga universidade de Coimbra, então chamada Aldêa Nova de Cu-bello.

Feio como um bode, Frei Protocollo causou horror nas margens que o Tejo banha, onde em eras remotas passeava S. Francisco coberto de têas d'aranha.

Os cabraes acharam Frei Protocollo bem parecido, afagaram-no, beijaram-no e ao som do hymno inglez disseram que Frei Protocollo era Portuguez!!

Foi grande a folgança, foi grande a lambança; quando no meio do deboche Frei Protocollo sorrindo-se como um Frade Jesuita, aponta-os com os mirrados dedos, e grita em voz quadrupla e signataria *yes very good, très bien, caramba, hombre* escommungados sejam os cabraes até á quinta geração!!!

Os cabrifelpudos cabraes gritaram a uma voz: Morra, morra Frei Protocollo, que nos embaçou, viva a independencia nacional, que é pão, pão, queijo, queijo.

Mas Frei Protocollo revira o olho, arreganha o dente e repete o artigo 4.º!!!

D'esde então romperam-se os diques cabralinos, e foi declarada a guerra a Frei Protocollo, e a José Antonio Palmerston.

Frei Protocollo está furioso porque não esperava tal, e grita que quer os cabraes na rua; estes por em quanto estão riudo das figas e das ameaças.

N'esta luta quem vencerá? Quebrará a corda pelo mais forte?

Deos illumine Frei Protocollo para amparo dos bons e terror dos máos, como nós todos havemos mister; no entanto até esta hora está Frei Protocollo mangado.

FREI PROTOCOLLO.

Drama em 3 actos, pelos srs. Pacheco, Guizot e Palmerston.

ACTO I.

O theatro representa o cahos.

Frei Protocollo. — Vou fazer uma nota (sahé.)

ACTO II.

O theatro representa a Terra Santa.

Sahé o Traste-immundo e entra o Lapa.

ACTO III.

SCENA I.

Entra o Lapa e sahe o Traste-immundo.

SCENA II.

Frei Protocollo. — (só) vou fazer uma nota.

(*Cahe o panno*)

Arroz doce.

O arroz doce é feito com alho e pimenta.

(ANNAES DO CARTAXO.)

MEZ no dia 17 um anno em que o nosso amigo *invicto*, deo com um prato de arroz de principe no seu universal bandulho.

Tinha este prato fatidico as colossaes dimensões da bacia em que Salomão lavava os pés, letras de canella da altura de palmo e meio cobriam o famoso arroz, e tudo foi digirido naquelle memoravel dia pelo grande duque e seus rapazes.

As tendas do Cartaxo e seu termo ficaram vasias de arroz por um mez, e o milho passou a occupar este alimento inventado por Alexandre Borgia, antes da batalha de Frafalgar, onde as infelizes Sabinas, filhas de Catharina da Russia e de Pompeo, foram roubadas por Costa Cabral, então bandido na Calabria.

Ainda se sente na capital a falta da canella que os vapores carregaram para o Cartaxo, ainda hoje as cabras daquella villa e suas visinhanças. se não pôdem consolar com a perda do leite que se lhe ordenhou, ainda hoje se lhe arripiam os cabellos ao ouvirem fallar no *invicto*.

Este factio digno da antiga Roma e de ser estampado em geço fundido e estereo, foi novamente comemorado e celebrado, e entre mil algazarras applaudido este anno, não no Cartaxo, porém sim na bem conhecida rua do Sol antigamente chamada rua da Lua, e habitada no tempo da guerra Peninsular por Galilêo sobrinho do nosso Franzini, e hoje morada, domicilio, habitação, mansão de paz, do nosso amiguito que-ridito, piriquito e *invicto*.

Foi alli quando o sol ainda não tinha apparecido naquella rua, por ser propriedade sua, que se reuniram em magna caterva o *invicto* e os seus rapazes. De todas as partes corriam os batalhões e as batalhões, os ministros e as ministras, os empregados e as empregadas, os caceteiros e as caceteiras, tocando brimbãos, marimbas e gaitinbas deram uma serabanda hespanhola ao nobre Duque, pedindo-lhe em altas vozes mais arrôs dóce.

Abrem-se as batentes das portas, e deo entrada um tremibundissimo prato de arrôs de Principe, maior por certo que o Gorjão pegado ao Albano, e assentado no meio do arroz vinha o Laborim de cocaras, e montando-se no cachago do poderoso *invicto*, recitou-lhe ao ouvido a seguinte odesinha:

Quem não vê ó tremendo capataz
Da nossa sucia cambada e tonta,
Qu' é o *invicto* de caras cento e duas!
Que mais caras terás se o tempo dura,
De carantonhas fazer qual saltimbanco
Na praça do Salitre á voz Serrate.

Tu és *invicto* como em outro tempo
Fostes Republico, e no Castello antes
Heroe qu' acclamastes, quando o laço
Pizaste affouto, por que de Villa Franca
Vinhas enramado de poeira e allros,
Ode não Coruscante cantarei hoje,
Mas Ode adoçante, que agradar possa
A ti, nobre *invicto*, e ao pé soado
Da plebéa Capitalia, qu' ovante
Retumbante e triumphante, grita
Viva Zebedeu, viva o *invicto*.

Repetidos vivas retumbaram de polo a polo depois de ouvida a Ode supra citada, e a *assembléa soltando os diques* de uma desregrada alegria foi fazendo gestos de nico até o cimo da Cotovia.



ABVIGARAS.

« Celebre o zabumba
« Acções d'arromba
« Acções que fazem
« Abaixar a tromba.

(*Lamartine. Ode ao Adulterio.*)



EVIVE oh Portugal; oh patria dos heroes machos! o ex-ministerio, o ex-gabinete não falleceo, teve só umas terçans mofinas, e ei-lo para fortuna deste paiz que nos torna a apparecer mais jucundo, mais nédio, mais parvo e mais Cubello que nunca!

O Mello e Carvalho por alcunha o Primavera, promette-nos a salvação dando-nos um regulamento para o palco politico, assim como o deo para o palco do teatro novo; o barão de Cu-bello affiançanos a ventura desta terra com um tratado que tem entre dentes com a Barbaria, para a exportação das cascas de nozes.

O joven Fontes vai garantir a nossa fortuna mandando vir de Pongo-Andongo a verdadeira semente da banana. O Leão já está mais domesticado, e encomendou uma nova colleção de dragonas que parecem fundidas; e o Ferrão tenciona pôr a concurso os logares de juizes eleitos, por que entende que é dessas authoridades que principalmente depende a moralidade publica.

Podemos pois descansados ir roer o nosso osso para Cacilhas, por que a jangada do estado vai a nado n'um mar de lama e leva o Franzini ao leme, e se não bater com as ventas n'um sedeiro, não é por culpa dos

« Pingados gatarrões, gentes da malta
« Cujo bestunto a patria tanto exalta.

(*Guizot.*)



Lith. Francosa Calçada do Combro Nº 5

21 DE MAIO 1847.

À URNA.

« A urna é um vaso em que se deitam bollas. »

VAMOS á urna povo, vamos á urna, assim o entende a opposição; á urna pois com unhas e dentes!

A' urna com dentes e unhas.

Lá está no céo uma estrella, que alumia como palito de José Osti, lá nos encara e diz — á urna.

Povo! O sol está arrufado com a lua, porque o sol entende que a eleição deve ser livre.

Povo, á urna.

A lua é contra nós, o sol quer aquecer-nos.

Vamos á urna.

A lua esta baça, o sol brilha e dardeja.

Viva o sol e vamos á urna.

O sol é patusco, a lua é sem sabor.

Povo, á urna.

Se o sol triumphar da lua; viva o sol, se a lua vencer o sol; viva o Costa Cabral.

Melhor será que vença o sol por que a nação está com frio.

CONVITE ATREVIDO.



ede-se ao Excellentissimo Senhor Lapa, Governador Civil desta terra, e Barão de Cu-Chico, ou cousa que o valha, queira ter a bondade de mandar a esta redacção a sua veronica; porque aliás apparecerá defeituosa. Este convite é feito em interesse de Sua Excellencia; e vantagem do bem publico e municipal.

Theatro de S. Carlos.

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DE LUCRECIA BORGIA, MUSICA DE DONIZETTI.

Debuté de Madame Olivier.



GRAÇAS a M.^{me} Jeny Olivier, baroneza do muito conhecido e sem sabor Champagne Montebello, mais uma zinguesarra veio ranger em S. Carlos.

O nariz do illustre maestro Donizetti gelou d'horror pelas influencias maleficas de tal chiadeira; o seu systema sympathico d'author, fez-lhe adivinhar que uma lanceta sacrilega lhe esfolava desapiedadamente a sua pobre Lucrecia.

Madame Olivier com os seus guinchos, com os seus anarchicos guinchos, fez-nos ranger os queixaes, e o que mais é fez arripiar os cabellos dos seus calvos e cabeludos admiradores.

Era uma vez um gato maltez que enroscado e frio-mento dormitava a um sol de Janeiro o somno dos justos e dos enfatiados, vai se não quando, pisam-lhe o rabo, o animal pula, atrepanha o dente, afia as unhas,

esgaseia os olhos e mia furibundo—*filho mio, filho mio* — a expressão do gato foi admiravel da verdade e sentimento; a expressão com que a ex-gentil baroneza o imitou no ultimo acto da Lucrecia não foi de certo menos pathetica.

O chilrar daquella ex-bella actriz faz lembrar ao homem menos capaz de achar analogias áquelles malfadados pifaros da velha guarda.

« *La garde meure, mais chantera toujours.* »

Recolhemo-nos á nossa humilde choupana, mas ahí Morpheo a cavallo n'um mosquito, nos abandonou á nossa má sina. Se alguma hora apesar do aborrecimento nos vinha carregar as palpebras uma tremenda vertigem, um horrivel pesadello nos vinha logo opprimir.

Gatos de todas as côres e de todos os feitios, os pifaros de todas as guardas nacionaes do mundo (mesmo as do Papa) todas as gaitinhas dos garotos do universo vinham crusar-se-nos no cerebro e pôr-nos ás bordas da sepultura; e no meio daquelles horrores appareceu o espectro da voz de Madame Olivier horripilante, estridente, desabrido, ferindo-nos até ao decimo quinto timpano, como destemperado corne inglez do anjo da justiça no juizo final!

Meu Deos! meu Deos! se aquella ex-formosura fosse nossa mãe, como parece ser avô do malfadado Genaro; renegaramos da nossa mãe, renegamos da musica, e renegamos até do proprio governador civil fulano de tal Lapa, de quem nos confessamos

Muito attentos veneradores e obrigados

Beaumarchais.

Aos annos do invicto.

De cento e duas caras
Já tu estavas de posse
Juntas hoje á tua gloria
A cara d'arroz doce.

Conde de tomar.



PRIMEIRO tiro disparado pela peça de João Paulo Cordeiro, foi dirigido pelo actual governador civil Lapa.

— O *Tempo* assevera que o sr. Lapa sôra sempre muito liberal; a peça de João Paulo Cordeiro está de accordo com o *Tempo*.

— O padre Marcos disse no paço, que o numero das pessoas que assistiram á reunião eleitoral da opposição não excediam a 700.

O padre estava ausente nesse dia, achava-se entre o Cartaxo e a Chamusca, por isso não admira que se enganasse.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1847.